

**MASSEY, DOREEN. PELO ESPAÇO: UMA NOVA POLÍTICA DA ESPACIALIDADE. MACIEL, HILDA P.; HAESBAERT, ROGÉRIO (TRAD.). 3. ED. RIO DE JANEIRO: BERTRAND BRASIL, 2012. 314P.**

**Luan do Carmo da Silva\***

**\*Centro de Ensino Médio 01 de Brazlândia**

**Professor de Educação Básica**

Setor Sul, Área especial 02, S/N, Quadra 4 – Brazlândia, Distrito Federal, Brasil – CEP: 72715-640  
luandocarmo@msn.com

**RESENHA**

Doreen Barbara Massey mora em Londres (sul da Inglaterra), mas é professora da Open University (centro-sul daquele país), este é constantemente levantado no livro ora apresentado, servindo mesmo como base para parte das reflexões propostas. Por suas publicações já ganhou alguns prêmios no cenário acadêmico, dentre tantos, destaca-se o Prêmio Vautrin Lud, todavia ainda tem pouco de sua obra conhecida no Brasil. O livro “Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade” é certamente, a obra que tem maior notoriedade por aqui, mas que talvez ainda sofra alguma resistência devido à densidade do debate proposto. Por isso, faz-se pertinente a proposta de um “diálogo” via resenha entre obra e leitor, para que as possíveis oposições à obra sejam minimizadas.

Antes, porém, de iniciar a resenha, cabe destacar que o título dado a este trabalho provém da própria escritora do livro, a qual, explica que este, inicialmente, seria o título do livro. Então, aqui fora utilizado principalmente como uma maneira de homenagear a autora e sua obra.

“Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade” está dividido em cinco partes nas quais estão distribuídos seus quinze capítulos. A “Parte um” é a introdução do livro, ou seja, objetiva apresentar ao leitor a discussão encontrada na obra. A “Parte dois” objetiva atentar o leitor para a diferença, a representação do espaço e a espacialidade em si, desta maneira demonstra que há muito o espaço tem sido entendido como uma categoria submissa ao tempo, subordinação esta que a autora pretende desmistificar. Na “Parte três” são apontados elementos para o entendimento da globalização e seus impactos no espaço-tempo, logo, na vida das pessoas. A “Parte quatro” é composta por outras possibilidades que Massey fornece para que o leitor consiga pensar o lugar, o cotidiano e a relação espaço-tempo para além de uma perspectiva linear entre tais categorias. Por fim – Parte cinco – são discutidos aspectos presentes atualmente na vida cidadina das pessoas e o engajamento político necessário frente às demandas do espaço-tempo.

Massey destaca que mesmo com o forte prestígio das ciências da natureza sobre as ciências sociais, ambas, necessariamente, se complementam. Somente no pensamento em que as ciências estejam articuladas, é que efetivamente se alcançará o Conhecimento. Ainda que seja complexo teorizar a partir desta inter-relação entre as ciências, é assim que o conhecimento poderá ser atingido – com base multirrelacional entre os saberes de diferentes enfoques. É neste sentido que, mesmo contemplando um forte debate na área das ciências humanas e filosofia, Massey também busca argumentos em autores e teorias das ciências naturais para embasar “Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade”.

Doreen Massey inicia suas reflexões sobre o espaço delineando as três vertentes atualmente utilizadas para entendê-lo: a primeira dessas vertentes é compreender o espaço como produto de inter-relações, neste sentido, as práticas encaixadas de entidades e sujeitos é o que constitui o espaço, por meio desta perspectiva o espaço existe mediante as relações

identidades/entidades. Outra vertente apresentada na obra diz que o espaço é uma esfera de possibilidade da existência da multiplicidade: a discussão sobre o espaço se abre para o leque da heterogeneidade e da diferença. O espaço, neste caso, necessita ser lido, estudado e entendido somente por um viés – o viés hegemônico construído pelo Ocidente, mais especificamente pela Europa e outros países centrais, relegando em segundo plano todos os outros tantos discursos existentes sobre o entendimento de espaço. E por fim, a última vertente, é o entendimento do espaço como um processo constante, e não um sistema fechado: alguns teóricos têm proposto que o futuro esteja totalmente definido, não há o que ser feito para reverter o quadro. Para Massey, no entanto, o futuro não é algo dado, por isso se faz imprescindível e urgente lutar por mudanças. O espaço, neste sentido, é aberto, como um constante porvir. Para que esta vertente (a qual é defendida como tese da obra) seja compreendida, faz-se necessário entender o espaço, também como produto de relações (a primeira vertente) e de multiplicidade (a segunda vertente). Corroborando com o exposto:

Penso que o que é necessário é arrancar o ‘espaço’ daquela constelação de conceitos em que ele tem sido, tão indiscutivelmente, tão frequentemente, envolvido (estase, fechamento, representação) e estabelecê-lo dentro de outro conjunto de ideias (heterogeneidade, racionalidade, coetaneidade... caráter vívido, sem dúvida) onde seja liberada uma paisagem política mais desafiadora (p. 34-35).

Salienta-se que Massey em distintos trechos do livro amarra a discussão estabelecida às questões de gênero presentes na atualidade, assim como também versa sobre tendências espaciais e as possíveis explicações destas tendências pela (i) lógica posta da Ciência, da sociedade e do capital. O que corrobora com o foco do livro, de o espaço e as relações que nele acontecem e o constroem não serem pensados por apenas um viés. Ainda mais se este viés, intencionalmente esquecer as minorias e as diferentes versões para um mesmo fato/fenômeno – como em geral acontece.

Para Massey, a teoria não pode estar desvinculada da prática, não há possibilidade para que esta relação seja entendida como dicotômica, porque a segunda (a prática) é que fornece bases à primeira (teoria). Assim, uma teoria sobre o espaço, por mais complexa que seja, necessariamente, será compreendida e percebida no transcorrer da monotonia daquele sujeito o qual não, necessariamente, precisa teorizar sobre as relações socioespaciais e espaço-temporais.

No que concerne às propostas de se pensar a Geografia, Doreen Massey propõe que não é adequado ater-se ao espaço, como tem acontecido, como um nexos do tempo. Isto é, o espaço em segundo plano, logo atrás do tempo. O mais sensato é pensar (teorizar) inter-relacionando estas duas categorias propiciando assim, o enriquecimento do debate e, conseqüentemente, aproximando-se cada vez mais da realidade como ela o é. Outra inquietação crucial para o geógrafo/a é não se ater ao espaço somente como uma extensão na qual se desenrolam os fenômenos físicos e humanos.

Massey argumenta sobre o perigo de se cristalizar o espaço em uma tentativa de representação para então elaborar sua análise. De acordo com a autora, essa cristalização acabaria por tornar os estudos referentes ao espaço em uma grande narrativa geográfica voltada para a sua estrutura diacronia-história-tempo/sincronia-geografia-espaço. Em “Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade” fica a provocação de que os mapas têm demonstrado o espaço como uma superfície plana pronta para ser atravessada, como algo que está acabado, pronto para o “uso”, ao mesmo tempo em que auxilia a quem está lendo-o a pensar em outras possibilidades de lugar, por isso a cautela frente aos produtos cartográficos. Uma vez que sendo seu conteúdo político-ideológico e científico desconhecido, acaba por permitir/possibilitar ao leitor interpretações equivocadas acerca das relações socioespaciais e espaço-temporais ali apresentadas.

Ao produzir sua vida, a pessoa também estará produzindo o espaço, assim como ajudando-o a ser reproduzido. Sendo a (re)produção do espaço advinda do sujeito social em interação com a sociedade, Massey argumenta que o espaço é permeado por trajetórias, por movimento e constante construção de si e do outro. É a partir desta relação que serão produzidos os lugares, para a autora:

Lugares não como pontos ou áreas em mapas, mas como integrações de espaço e tempo, como *eventualidades espaço-temporais*. Este é um entendimento de lugar – como aberto (‘um sentido global de lugar’), como um tecer de estórias, em processo, como um momento dentro das geometrias de poder, como uma constelação particular dentro de topografias mais amplas de espaço, e como em processo, uma tarefa inacabada... (p. 191. Destaque da autora).

Porém, Massey alerta para o fato de que apesar do forte discurso da atual interconectividade dos lugares, via fluxos da globalização, este processo não ocorre igualmente para todos e ao mesmo tempo. Neste sentido, pode-se pensar no papel dos diferentes atores e lugares no contexto global e suas reais intenções frente ao(s) projeto(s) da globalização. A autora demonstra que o discurso da “aldeia global”, em muitos casos é justificado pelos “acontecimentos globais”, mas a leitura feita destes acontecimentos pelos meios divulgadores de alcance mundial (os quais estão tutelados por atores sociais diversos, os quais viabilizam o “olhar” que mais lhes convém sobre tal e qual acontecimentos) corrobora para que o entendimento da população acerca de tais acontecimentos seja sempre tendencioso, o que não subsidia efetivamente o reconhecimento total da verdade que envolve a realidade.

Doreen Massey se propõe a pensar os espaços públicos (mais especificamente a partir da categoria lugar) e a constante luta por direitos e acesso pela democracia e cidadania, sendo que o uso destes espaços para tais contestações somente ocorre por que já há algum acesso dos sujeitos a estes bens imateriais socialmente criados (cidadania e democracia). É interessante notar as diversas visões e conflitos existentes nestes espaços mediante o uso e o entendimento que os sujeitos têm dos espaços públicos. Neste sentido, diferentes grupos podem se “aliar” ou “rivalizar” pelo acesso e usufruto de um determinado espaço público. O aliar ou rivalizar dependerá, na primeira situação, de interesses convergentes dos grupos, por exemplo, contra as imposições de terceiros ao uso do espaço, e na segunda situação, a partir de interesses divergentes dos grupos anteriormente aliados.

Ainda sobre a política do espaço, mais especificamente, da espacialidade e do lugar, Massey argumenta sobre a natureza do “espaço público” e sua função social dentro do modelo de sociedade (pós-)urbana-industrial na qual a humanidade está inserida, na perspectiva do alcance da democracia total e cidadania plena pelos diferentes sujeitos. Ao se fazer o uso consciente dos espaços públicos, principalmente aqueles instalados nas aglomerações urbanas, e mais especificamente nas grandes metrópoles, todavia não deixando em segundo plano, as lutas políticas existentes em outros espaços e em outras aglomerações urbanas – o que a autora busca destacar é como se desenrola a apropriação dos espaços públicos das metrópoles por sujeitos politicamente engajados buscando construir uma sociedade menos desigual.

A partir do apresentado e de outros elementos constantes na obra, entende-se que o referido livro é um forte propulsor de debate, e sendo assim, é de leitura necessária entre geógrafos e outros profissionais que pensam a relação tempo-espaço, ou espaço-tempo, na sociedade atual. Mesmo que sua escrita seja densa, ainda assim as reflexões propiciadas são pertinentes e até mesmo apaixonantes nesta redescoberta do espaço.

**Data de submissão:** 24.03.2013

**Data de aceite:** 13.07.2014

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.